

Desgraças de um sonhador

Flávio R. Kothe

Eu estava no campinho de futebol da casa dos meus pais, os quero-queros tinham feito ninho e seus três filhotes pequenos estavam aprendendo a comer bicando lá sei eu o quê numa parte mais úmida, onde nas chuvas corria uma fonte. Quando os quero-queros faziam ninho, cessavam todas as peladas. Não havia nem discussão, afinal eles moravam aí antes de chegarem os humanos, o terreno era deles, nós éramos os invasores. Um gato espreitava os filhotes, pronto para dar o bote. Em vez de dar de ombros e dizer “é a lei da natureza”, espantei o gato.

Fui dormir num galpão perto da casa. Meu pai havia me expulso. Eu não era bom de chega para ele. De madrugada, ouvi um barulho na garagem anexa. Espiei pela porta entreaberta. Era um enorme urso negro, enorme, um grizzly. Pensei: você por aqui? Ele me viu e me atacou. Tratei de fechar a porta com toda a força do meu ombro. Vi que ele não recuava. Então eu disse para ele:

– Sei que você é o fantasma do meu pai.

Daí ele recuou, foi se tornando menor. Decidi então avisar à família sobre o bicho que estava rondando todos nós. Eles não me levaram muito a sério, mas telefonaram para a guarda florestal. Vi então outro bicho vindo em nossa direção, tinha um focinho comprido, parecia ser um tamanduá-bandeira. Meu irmão e minha irmã já o conheciam e o empurraram de volta para o mato, onde ele desapareceu. Devia ser o falo de nosso falecido pai.

Um guarda-florestal apareceu no raiar do dia. Viu o urso e disparou um tranquilizante nele. Quando o dardo o acertou, ele se desfez em três macacos pretos, cada um correu para um lado, todos desapareceram na mata: eles, como nós, irmãos.

O marido da minha irmã apareceu, eu não o via há muito tempo, nós nos abraçamos cordialmente. Ele disse para sairmos juntos. Eu tinha recebido um convite de um escritor da região: ele tinha uma pousada numa chácara grande e servia um belo café colonial pela manhã. Entramos no carro do meu cunhado, que foi dirigindo. Ele adorava dirigir, andar por aí.

Quando chegamos à chácara, o escritor me recebeu com uma pilha de livros dele autografados. Repassei os livros para minha irmã guardar na bolsa. Havia várias pessoas por lá, hóspedes e pessoas da cidade, que queriam aproveitar os bo-

los, pães, frutas e embutidos que eram servidos em abundância. Eu me assentei num banco debaixo de uma árvore e olhei na direção do grande lago que se estendia adiante. Vi novamente um bicho que parecia um urso, mas logo ele se desfez em três macacos pretos, que pareciam estar rindo da brincadeira que faziam. Os macacos pularam para a mata que beirava parte do lago.

Eu me levantei e fui olhar melhor o lago. Havia peixes de vários tamanhos e cores, sobretudo carpas marrons. O fundo mais raso do lago estava coberto por baixos-relevos em concreto, feitos por um escultor amigo nosso. Os peixes navegavam sobre as esculturas, pareciam aves no avesso do céu. O ar da manhã é puro, o céu está azul, com algumas leves nuvens brancas.

Retornei para a construção em que o café colonial era servido. Os hóspedes haviam comido quase tudo, mas ainda achei uns bolos de que me servi. Ao andar pela casa, vejo uma canaleta com água do lago que passa pela cozinha e tinha uns degraus para os peixes descerem ou subirem, conforme quisessem. Era a ocasião em que o cozinheiro poderia pegá-los para fritar. Eu havia visto algo parecido num convento medieval da Baviera: os monges tinham construído uma canaleta do rio até a cozinha do convento e a água despejava numa cesta, em que os peixes eram apanhados. A água servia para lavar pratos e panelas, depois voltava ao rio mais abaixo por outra canaleta. Os

monges eram glutões, sabiam fazer um licor maravilhoso, de receita secreta, com dezenas de plantas. Depois de alguns copos, eu já estava vendo anjos e santos a descerem do céu.

De repente me lembrei dos livros que recebera. Daí disse para mim: “se estão com minha irmã, estão bem guardados”. Fiquei tranquilo. Dei uma mordida no bolo de laranja.

De repente, ouvi minha mulher me chamando, dizendo que queria sexo. Ela não costumava fazer isso há meses, tratava de me evitar e eu havia me acostumado à solidão dos sonhos. Desde que ela entrara na menopausa, havia se ajeitado em outro quarto, onde dormia passando a chave. Eu só havia descoberto isso quando quis fechar as janelas por causa de uma tempestade. Nossa casa era modernista, não tinha telhado nem beiral: a chuva precisava cair reta, sem vento, se não molhava tudo.

Eu não estava animado a fazer sexo, menos ainda sob comando: eu não pegava no tranco. Como um ordenança, estendi a mão na semiescuridão para o criado-mudo, peguei uma caixa de cor alaranjada, em que vislumbrei uns comprimidos. Peguei um azulzinho e o engoli com um gole d’água, avisando que precisaria de uma hora para fazer efeito.

Eu queria mesmo era dormir, retomar o sonho interrompido, não deixar a história sem

conclusão. Meu soldadinho também pegou no sono, ficou escondido nas barricadas, de maneira nenhuma estava disposto a ir para o campo de batalha. O que não consegui mesmo foi retomar o sonho interrompido, para ver se o cozinheiro tinha pego algum peixe na canaleta. Também não encontrei mais minha irmã e meu cunhado. Três horas depois, quando acordei, vi que eu tinha tomado um comprimido de valeriana, que eu havia comprado há meses numa farmácia do sul e esquecido no criado-mudo. O pacote, a cor e o formato eram quase idênticos ao que o decreto imperial quisera me obrigar. A mulher ficou reclamando o resto do dia, mas eu já estava acostumado a isso.